

Prefeitos mandam doente para o DF

Luiz Antônio

Claudemir José Santin, 28 anos, ficou tetraplégico depois de mergulhar de cabeça num rio. O acidente aconteceu em Belém (PA), onde mora e sua família conseguiu de um deputado federal passagem de avião para que fosse atendido no Hospital Sarah Kubitschek.

Depois de duas horas de viagem, Cláudemir foi levado pelo carro do Corpo de Bombeiros ao hospital e teve sua consulta marcada somente para hoje. Foi deslocado imediatamente para o Hospital de Base, onde está internado há seis dias, sem tratamento adequado, no setor de politraumatizados. "O hospital não está capacitado para atender casos como este", afirma o chefe do pronto-socorro, Celso Rodrigues.

O atendimento recebido por Cláudemir limita-se a banhos, comida e cuidados básicos. Sexta-feira, o estado de saúde do paciente foi agravado por insuficiência respiratória. Celso Rodrigues diz que Cláudemir poderia não sobreviver até hoje, dia de sua consulta no Sarah Kubitschek.

Ambulância — Numa maca encostada no corredor, próxima à de Cláudemir, padece outro paráense, natural de Xinguára. Adilson dos Santos, 34 anos, pai de dois filhos pequenos, ficou paraplégico depois de acidente com uma motosserra. Segundo ele, o prefeito de sua cidade o orientou para que se tratasse em Brasília e providenciou ambulância para a viagem. Foram cerca de 20 horas até o DF. Ele não sabe dizer por que não o levaram para Belém, a capital mais próxima de onde mora. Internado há cinco dias no Hospital de Base, Adilson também aguarda tratamento.

É nos pronto-socorros dos hospitais públicos que os pacientes de outros estados pedem ajuda. Segundo o diretor do Hospital Regional de Sobradinho, Avelino Neta, 16 mil atendimentos feitos em julho na emergência, 52% eram de pacientes de fora da cidade. O setor mais sobrecarregado é a Ortopedia, que recebe 70% dos internados de



Claudemir, tetraplégico, agoniza no Hospital de Base há seis dias enquanto aguarda atendimento adequado

Luiz Antônio



Adilson dos Santos conseguiu ambulância com o prefeito de sua cidade para ir ao DF receber tratamento

fora. Na Clínica Médica, o índice é de 50%. Muitas vezes, o paciente não tem recursos para voltar para a cidade natal e continua hospedado no hospital. "É uma patologia social" diz Avelino.

No Hospital Regional do Gama, das 27 mil pessoas atendidas no pronto-socorro em julho, 32%

eram do Entorno, região de Goiás, e 1% de outros estados. Segundo o diretor Paulo Lucci, 90% das internações tisiológicas, neste ano, foram de doentes que não moram no DF. O hospital é o único da cidade que interna pacientes tuberculosos.

Celso Rodrigues, do Hospital de Base, avalia que, dos 800 atendi-

mentos diários, em média, 80 são emergenciais. Os outros 720 seriam resolvidos em centros de saúde.

Em alguns hospitais, os médicos atendem 16 pessoas por hora, estima Mário Cinelli, diretor do Sindicato dos Médicos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda até 4 consultas.